

O SOFRIMENTO NIETZSCHEANO NA REALIZAÇÃO DA SATISFAÇÃO HUMANA

Roberta Soares de Melo¹

Resumo: Diante dos mais de vinte séculos de filosofia, sempre quando se pensou uma vida sábia, associou-se esta a uma tentativa de reduzir o sofrimento ao máximo. Contrário ao modo de pensar o problema do sofrimento como advindo da ausência de felicidade, Friedrich Nietzsche percebeu que a busca da satisfação, da própria felicidade implicava presença de diversas e constantes dificuldades. Afirmando assim, que para se alcançar a satisfação, será necessário reconhecer no sofrimento uma etapa natural e inevitável no processo de conquista de um bem. Assim, como uma das características do *Além-do-Homem* está no “viver a vida”, encará-la com seus desafios e sofrimentos, faz parte desse estágio humano a noção de que, para se ter uma vida plena é necessário a passagem por períodos de infortúnios.

Palavras-Chave: Sofrimento, Nietzsche, Satisfação.

THE SUFFERING NIETZSCHEAN IN THE ACHIEVEMENT OF HUMAN SATISFACTION

Abstract: In face of more than twenty centuries of philosophy, always, when one thought a wise life, one joined this to an attempt to reduce the suffering to the maximum. Contrary of thinking the problem of suffering as arising from the absence of happiness, Friedrich Nietzsche realized that the pursuit of satisfaction, of happiness itself implied the presence of multiple and continuing difficulties. Thus affirming that to achieve satisfaction will be necessary to recognize in the suffering a natural and inevitable step in the process of achieving a goodness. So, as a feature of Beyond-the-Man consists in "living life", face it with its challenges and suffering, and it is part of this human stage the notion that, to have a full life, it is necessary the passage of periods of hardship.

Keywords: Suffering , Nietzsche, Satisfaction.

¹ Especialista em Filosofia e Existência pela UCB. Colégio Militar do Rio de Janeiro. E-mail:betafilosofia@gmail.com

Introdução

De uma forma geral o sofrimento pode ser definido como todo ato ou efeito de sentir dor física ou moral; padecimento; amargura; paciência; resignação; desastre. Podemos acrescentar a essa definição a angústia, o medo, a tristeza, ansiedade, o desespero, a revolta, a autodepreciação etc. Diante de tantos efeitos o sofrimento acaba por se apresentar como um desconforto que não nos agrada a alma e Friedrich Nietzsche verá neste acontecimento um efeito fundamental, fazendo de tal problema, algo que perpassará por toda sua obra. No entanto, ele não foi o primeiro a pensar sobre o fato de que toda existência humana está fadada a passar por algum evento desagradável, e que, ninguém vive uma existência sem momentos de tormento. Diante dessa percepção os filósofos sempre pensaram dentro de suas filosofias soluções para esse “mal”. Assim a percebemos na mitologia grega, no estoicismo, no hedonismo, nos neoplatônicos, no utilitarismo, assim como no Pragmatismo dentre outras.

O Idealismo, que de modo geral pode ser entendido por um engajamento, um compromisso com um ideal, sem compromisso com a prática ou sem visar sua concretização imediata, tenta sublimá-lo, confinando-o na mente - aí encontramos Arthur Schopenhauer. Fascinado pela filosofia que descobria em nele, F. Nietzsche se revela um admirador do seu pensamento; e afirma que, se a vida consiste em sofrimento e que quanto mais nos esforçamos para aproveitá-la, mas ela nos escraviza, deveríamos, portanto, abrir mão das vantagens que ela oferece e buscando a cautela em nossas ações. Porém, toda a filosofia da abstinência, da privação que Nietzsche encontrou no velho mestre é gradativamente substituída a partir de uma viagem que faz a Itália para a vila Sorrento na baía de Nápoles (1876). Com isso sua perspectiva sobre o sofrimento, o prazer e as dificuldades também entram em um processo de mudança. Agora considera que não seria necessário evitar o sofrimento para se alcançar a satisfação e sim reconhece nele uma etapa natural da vida. Friedrich Nietzsche percebeu que a busca do júbilo implicava presença de diversas e constantes dificuldades. A partir desta perspectiva, desenvolveremos nosso trabalho de maneira que, no primeiro capítulo definiremos a idéia de homem, do homem que se depara com a vida, que é afetado por ela, bem como a grandeza e a pequenez com a qual pode vislumbra-la. No segundo capítulo, apresentaremos a maneira pela qual o homem se relaciona com o sofrimento, reconhecendo que, se aquele se transforma ao longo do tempo, a maneira pela qual vê e interage com a dor também será diversa. Já o terceiro e último capítulo desenvolveremos a proposta nietzscheneana de uma relação direta entre a satisfação e o sofrimento e de que forma o homem terá que lidar com tal questão para que nela reconheça o germe das realizações em sua vida.

1. A construção do homem em Nietzsche

Segundo F. Nietzsche, o homem pode ser definido como uma individualidade irreduzível. Diante desta perspectiva, o olhar nietzscheneano sobre o que é o homem passará, necessariamente, sobre a tragédia grega. A tese nietzscheneana afirma que, ao demonstrar o caráter de transformação existente no mundo e a finitude inerente a todas as coisas, a tragédia ao invés de propor ao homem a resignação moral e a renúncia ao agir², o incentivaria a afirmar a vida mesmo nas condições mais adversas. A tragédia também tinha por essência uma espécie de tônico existencial que reforçava o ânimo do espectador para a vida, para a criatividade contínua, para um novo recomeço da existência, mediante a alegria despertada diante da compreensão da eternidade da vida. Por conseguinte, o seu objetivo principal estava em uma espécie de arrebatamento do espectador diante da exibição dos terríveis sofrimentos do herói, que motivava o desabrochar de estados de grande exaltação jubilosa. A cena trágica representada ao público grego como aquela que demonstra para este os padecimentos de Dionísio³ tinha por objeto apenas os sofrimentos do mesmo (que por longo tempo o único herói cênico aí existente).⁴

Essa maneira de lidar com a dor pode ser explicada através da noção de “consolo metafísico”⁵, conceito elaborado por Nietzsche como meio de explicar o fenômeno existencial que ocorria quando o espectador trágico, ao visualizar o padecimento do herói, percebia que a vida, apesar das suas contínuas transformações, permanecia ileso em seu processo criativo.⁶ Afinal, enquanto expressão singularizada pela individuação que se extinguiu através do evento da morte, havia ali o homem, a existência da vida, e mesmo da condição humana como um todo, permanecendo indestrutíveis, pois o centro engendrador do conjunto das formas de vida se encontrava fora das limitações do tempo e do espaço. A experiência de morte não era um acontecimento digno de tristeza, muito menos uma passagem condicional para uma nova experiência em um além-mundo; a morte é um mecanismo necessário para a

² Tal como considerava Schopenhauer, em **O Mundo como Vontade e Representação**.

³ Deus da embriaguez, da inspiração e do intusiasmo.

⁴ Nietzsche, F. *O nascimento da Tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁵ De acordo com Nietzsche a noção de “consolo metafísico” existe sem qualquer conotação transcendental ao mundo em que vivemos, pois o contentamento prometido àquele que vivencia a cena trágica ocorre no âmbito da própria imanência, sem que seja necessária a inserção do indivíduo numa realidade puramente espiritual, desvinculada da terra. Essa experiência mística é um “consolo” por excluir da afetividade do homem grego os sentimentos pessimistas e tristes diante da compreensão imediata da efemeridade da vida humana, revelando então que esta continua se recriando perpetuamente na natureza através das eras.

⁶ Nietzsche, Friedrich W, 1996, loc. cit.

perpetuação da existência de todas as coisas, utilizado pela natureza matriz, para que a própria vida seja mantida.

Toda esta noção estaria no cerne da vida do homem grego que, segundo o filósofo alemão, era baseada em dois princípios naturais⁷ que se integravam formando dois impulsos vitais pelos quais o homem era modelado: o impulso dionisíaco, negador de qualquer limite, conduz à exaltação e o apolíneo, baseado em critérios de harmonia e perfeição formal. Dentro da valoração dos dois princípios, Nietzsche contrapõe o espírito dionisíaco - o espírito da vida à apolínea e mortífera razão. Enquanto esta nasce da fuga diante da imprevisibilidade dos eventos da existência real - que procura cristalizar com leis, regras e interpretações variadas -, o dionisíaco aceita a vida em todas as suas formas, compreendidos o caos, o acaso, e a falta de significado. Logo, para ele, Dionísio e Apolo são respectivamente símbolos de vida e de morte, força vital e racionalidade, saúde e doença, instinto e intelecto, escuridão e luz, devir e imobilidade, embriaguez e sonho. Naturalmente desmedido, o impulso dionisíaco enquadrou-se na forma de expressão do apolíneo; este, por sua vez, adquiriu a mobilidade dionisíaca, posto que a sua rigidez poderia conduzir também a vida ao completo declínio⁸. Dessa forma, o homem dionisíaco [...] participava da vida diretamente e sem mediações; ultrapassava o limite entre si mesmo e o mundo, volta a ser uma simples parte da natureza, percebendo-se como tal e nada mais.⁹

A grandeza desse homem grego, afirma Nietzsche, teve fim quando a filosofia substituiu a tragédia. Porque enquanto esta representava a vida na sua crua realidade, sem mascarar a evidência de um homem dominado por forças incontrolláveis e a eles superiores, a partir de Sócrates prevaleceu uma atitude de fuga em relação à vida e ao mesmo tempo uma busca insesante pelas explicações racionais, de modo a extinguir a vitalidade do mundo e dos instintos, por meio do uso da razão. Da mesma maneira, a ética que se estabelecia na Grécia antiga fundada no valor do indivíduo, na qualidade de sua pessoa e na valoração da vida, ou seja, na valoração da saúde, da juventude, da sexualidade, do orgulho da própria força e o desejo de domínio sem pudores, decaí sendo substituída pelo que Nietzsche chamou de *moral dos escravos*. Esta moral representada, primeiro pelo ideal platônico e depois pelo cristianismo é, portanto, a negação da moral do senhor, e se afirma pelo pudor do corpo, a vergonha da

⁷Apolo e Dionísio são deuses que representam impulsos contrários e, para Nietzsche, complementares, chamados então de apolíneo e dionisíaco. Estes representam respectivamente: vinculação a uma necessidade humana de sobriedade, equilíbrio de conduta, respeito pela ordem pública; e a desmedida nas ações, supressão da individualidade pelo êxtase, embriaguez como libertação existencial.

⁸NIETZSCHE F., *O nascimento da Tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁹Nicola, Ubaldo. *Antologia ilustrada de Filosofia Das origens à idade moderna*. Trad. Maria Margherita De Luca. São Paulo: Globo, 2005.

sexualidade, a humildade, o amor pela pobreza, a renúncia a viver em plenitude, o desejo de morte.

Com a modernidade, afirma Oswaldo Giacóia¹⁰, o homem passa a pensar o mundo e a história sob o signo da razão esclarecida, que é a razão da absoluta auto-determinação. De acordo com Nietzsche, é nesse momento que o homem torna-se adulto e começa a viver sem a necessidade de fábulas infantis.¹¹ Assim ele anuncia a morte de Deus, que foi realizada por esse mesmo homem que através da razão buscou a justificação do mundo no próprio mundo, que dispensou qualquer explicação supra-sensível, filosófica ou científica que continuasse a justificar a ascese e a moral em detrimento à terra e a vida. Entretanto, o Iluminismo voltou-se contra a religião e a metafísica para denunciar suas ilusões, mas não realizou sua tarefa sem antes impor ao homem uma substituição dos antigos ídolos por novos. Inicia aí sua crítica à sociedade moderna, aos valores, ao humanismo. Porque retira-se o mundo inteligível de Platão ou o paraíso dos cristãos e coloca-se a democracia, os direitos humanos, a república, a liberdade e, pouco depois, o socialismo, o anarquismo, o comunismo, o cientificismo, o patriotismo etc.¹²

Apesar de laico, o Iluminismo não deixa de conservar um elemento fundamental da metafísica e da religião – a estrutura do além oposto ao aqui e agora, considerando então um olhar para o progresso no futuro. Assim, vivendo todas as expectativas de ídolos e ideais será o homem chamado de *último homem*. Nietzsche criará esse conceito debruçado sobre a modernidade, porque considera que o homem moderno, orgulhoso de sua cultura e de sua formação se elevaria acima de todo passado, crendo na onipotência de seu saber e de seu agir. Entretanto, o último homem é a representação de maior rebaixamento de valor do ser humano, pois é exatamente nele que se identifica a transformação do homem numa massa impessoal de seres uniformes. Zarathustra transmitirá a visão nietzscheneana sobre a cultura do homem massificado, elemento insignificante da engrenagem econômico-utilitária que explora a vida na terra. E assim ele afirma:

Desprezadores da vida são eles, [...] que desapareçam, pois, de uma vez! Outrora o delito contra Deus era o maior dos delitos; mas Deus morreu e, assim, morreram também os delinquentes dessa espécie. O mais terrível agora é delinquir contra a terra e atribuir mais valor às entranhas do imperscrutável do que ao sentido da terra. ¹³

¹⁰Nota fornecida pelo professor Oswaldo Giacóia Jr. em palestra proferida para curso Impacto de Nietzsche no Século XX, no auditório da Unicamp em 09/05/2009.

¹¹Aqui Nietzsche faz referência aos valores morais tradicionais relacionados à religião.

¹²Nietzsche F. *Aurora*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras: 2004.

¹³Nietzsche, Friedrich W, 1998, loc. cit.

Esse homem, ainda recheado de convicções, é chamado de niilista¹⁴; e se no século das luzes há uma negação dos valores superiores, ou seja, dos valores estabelecidos na Idade Média como o paraíso depois da morte, a verdade divina¹⁵; na modernidade, diante da morte de Deus, vemos agora o homem cientista como aquele que assume o posto de ordenador do mundo. Deus agora está em segundo plano, em primeiro está o cientista. Esse segundo tipo de niilismo será denominado por Gilles Deleuze de niilismo reativo, porque o homem agora reage a Deus. Agora o homem não vislumbra a morte, mas toma uma outra forma de fuga da vida - o futuro; e qualquer futuro tira do homem a idéia do devir, do conflito que a vida é. Tanto um niilismo quanto o outro extraem do homem a possibilidade de viver o real, pois viabilizam a negação do corpo, das sensações que levam ao erro, do aqui e agora, da contradição e do conflito, tudo se transforma em uma imagem idealizada de si e do outro. Partindo da crítica niilista, percebemos que Nietzsche é o filósofo que coloca em questão o valor dos valores. O homem, dizia ele, é o criador dos valores, mas esquece sua própria criação e vê neles algo de transcendente, de eterno e verdadeiro, quando os valores não são mais do que algo humano, demasiado humano¹⁶. Assim os valores existentes passavam a ficar sem consistência já não podendo mais atuar como instâncias doadoras de sentido e fundamento para o conhecimento e para a ação. Essa perda do sentido, da consistência dos conceitos e valores presentes no homem moderno, deveria ser substituída por novos valores inerentes ao próprio homem; posteriores a uma clara aceitação da morte de Deus e a conseqüente desvalorização de todos os valores da moral e da metafísica platônico-cristã. Isso significaria que agora o homem estaria “preso” à terra.

Diante da afirmação da vida, da aceitação de que a essência da vida está na dimensão do nada, na falta de escopo e de sentido; vive o homem em um niilismo ativo e positivo. A partir daí nasce o desejo, a afirmação positiva de si e é aí que deve brotar a vontade e não a determinação proveniente de forças exteriores. Mas a chegada a esse niilismo só pode ser empreendida a partir da renúncia ao conformismo da mediocridade humana e de sua auto-satisfação, o que requer do homem um reconhecimento da vontade de existência de si mesmo o que implica uma profunda mudança em sua natureza. Na verdade o que Nietzsche afirma é que o homem, a partir do momento que inicia essa reforma, estará retornando ao que ele considerou uma

¹⁴Expressão utilizada por Nietzsche para indicar aquele que está repleto de certezas fortes e morais. Portanto, niilista é alguém que possui ideais religiosos, metafísicos ou laicos, humanistas ou materialistas, o que importa neste caso, é o fato de se estar coberto de convicções.

¹⁵ Este niilismo será chamado de negativo, porque nega todo o real em nome do além

¹⁶Nietzsche, Friedrich W. *Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

verdadeira vida: sentida e vivida com todos os seus dissabores e alegrias, ou seja, retornará ao modo de lidar com a existência realizada pelos gregos antigos. De acordo com esta retomada, derivaria o que o filósofo em questão chamou de *Übermensch* ou como traduz O. Giacóia, o *Além do homem*. O Além do homem está além da racionalidade, despreza todo valor ético moderno, vive em um mundo dionisíaco, reconhece o engano inerente a todas as filosofias, percebe o passar do tempo como um eterno retorno do mesmo¹⁷. Explica Viviane Mosé,¹⁸ que para Nietzsche, o Super-homem é aquele que parte da afirmação da morte, é o homem que inventa a si mesmo ao invés de aceitar o modelo pré-estabelecido, é um homem que tem coragem de lidar, a cada segundo de sua vida, com o conflito que é a escolha de cada situação; e que não atribui isso nem a Deus, nem a moral estabelecida, nem a ninguém. Na verdade, o Super-homem de Nietzsche, apenas conclui a ideia de homem que se supera, que se faz e se refaz se reencontrando consigo mesmo; ele qualifica o seu corpo e a sua vontade como os elementos primordiais na busca de si. Mas não limita o corpo e a vontade apenas à sobreviver e sim a vencer, porque suas virtudes são as do homem trágico, que é homem da superação e não da verdade.

2. O sofrimento

Se hoje o projeto civilizacional da modernidade se constituiu pelo esforço em livrar a condição humana das suas adversidades naturais e torná-la mais plena e feliz, este nunca se fará real. Segundo Nietzsche, a postura humana diante o sofrimento, inicialmente se deu como uma forma de instaurar a memória dos costumes das sociedades. Assim o comportamento do homem foi domesticado através das leis, o que lhe garantiu poder viver em grupo. Ao vencer o esquecimento por meio dessas ações, o homem se apoiou na memória e acabou por desenvolver a razão. No entanto, nosso pensador afirma que o sofrimento do homem impossibilitava a ele aí, externar seus instintos, pelo afastamento de seu lado animal e da valorização excessiva da racionalidade. Viver em sociedade exigia do homem o sacrifício de si mesmo, de renúncia sobre seus instintos, de maneira que tudo o que não se poderia expressar terminaria voltando para sua interioridade.

Em meio a toda essa estrutura de aprendizagem, o corpo aparece como a fonte pela qual se percebe este processo. É ele a “porta de entrada” dos novos fluxos, como a

¹⁷Partindo de uma idéia cíclica do tempo, com base na total racionalidade do mundo do mundo, os Estóicos concluíram que cada ciclo temporal deveria nascer e se desenvolver de modo igual aos precedentes. Nietzsche retoma essa tese; se em um processo que se faz recorrente nada acontece por acaso, tudo deve se repetir.

¹⁸Nota fornecida pela filósofa Viviane Mosé em palestra realizada no programa televisivo Café Filosófico de 15/04/2009.

capacidade para o conhecimento.¹⁹ Porém, foi durante muito tempo mal visto; enxertado da moral cristã por conta do ideal ascético, foi amputando de si e de suas possibilidades criadoras, em detrimento de uma educação que privilegiava o espírito. Somada a esta perspectiva, Nietzsche aponta também para os metafísicos, já que estes criaram a visão de um processo de contenção dos instintos, chamado interiorização de si, em busca da alma. Contudo, o olhar nietzscheneano viabiliza uma amplitude muito maior sobre o corpo, já que este se apresenta como uma vivência. O corpo para ele é uma grande razão, uma multiplicidade com um único sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. Instrumento de teu corpo é, também, a tua pequena razão, meu irmão, à qual chamas “espírito”, pequeno instrumento e brinquedo da tua grande razão.²⁰ Assim por traz da consciência, da razão pequena, encontra-se o poder desconhecido dos sentidos, das paixões, das pulsões.

A grande razão é uma sede de vontade, que por sua vez é uma configuração de um jogo de forças. Tudo o que é produzido no mundo não é o resultado de uma adaptação a um determinado modelo de perfeição: o que é afirmado é a capacidade relacional dessas forças. A relação entre elas produz a realidade, onde nós somos produto (aspecto reativo, consciente) e capazes de uma produção desconhecida (aspecto ativo, inconsciente), que não obedece a nenhuma forma *a priori*. O que leva Nietzsche a dizer que o mundo é *vontade de potência*. E a potência quer acumular forças, aumentar a potência. Quando a potência aumenta, há a sensação de prazer; quando diminui, sente-se desprazer. De acordo com ele, a vida [...] aspira a um sentimento máximo de potência: ela é, essencialmente, uma aspiração a maior quantidade de potência: aspirar não é outra coisa senão aspirar à potência: o que existe de mais subjacente e de mais interior é essa vontade.²¹

O corpo, ponto de partida para essa nova concepção de poder, é a grande razão. Nesse sentido, está a multiplicidade com um só sentido; a vida como um jogo que se faz e refaz em guerra e paz, no que ainda não é, e no que já é. Temos uma permanente luta que garante a permanência da mudança; tudo é um eterno vir-a-ser, de forma que só há uma única maneira de ser da vida: a luta. No corpo – lugar em que se reconhece essa luta, esse devir, é que se aprende e se pode sair do estado de decadência ontológica em que se encontra o último homem. Este não reconhece no corpo a grande razão, não reconhece que ele faz pensar, experimentando os sentidos, criando o conhecimento e agindo quando a razão precisa criar um pensamento. O último homem está envolto pela noção de que deve livrar-se da suas adversidades naturais, pois que somente assim

¹⁹ O corpo é considerado por Nietzsche, fio condutor para a análise de quaisquer questões filosóficas.

²⁰ Nietzsche, Friedrich W, 1998, loc. cit.

²¹ Klossowski, Pierre, *Nietzsche e o círculo vicioso*. RJ: Pazulin, 2000.

tornará sua vida mais plena e feliz - o verme se enconcha quando é chutado. Essa é a sua astúcia. Ele diminui com isso a probabilidade de ser novamente chutado.²² Esta postura o coloca na condição de fraco; não reconhecendo que a dor pode trazer em si condições para o progresso que se realiza diante das dificuldades; o que se vê é a contínua criação de um conjunto de formas pelas quais o homem busca encobrir toda dor e sofrimento presentes na vida; e as maiores formas de mascarar-los estão na moral e na religião:

Quanto mais diminuir o império das religiões e de todas as artes da narcose, tanto mais os homens se preocuparam em realmente eliminar os males: o que, sem dúvida, é mau para os poetas trágicos [...] mas é ainda pior para os sacerdotes: pois até hoje eles viveram da anestesia dos males humanos.²³

Tanto uma quanto a outra sempre buscaram um processo de modificação do efeito que a dor produz na sensibilidade. Elas fazem isso alterando o juízo sobre os acontecimentos ou despertando prazer na dor, na emoção. Assim, quanto mais alguém se inclina a reinterpretar e ajustar, tanto menos pode perceber e suprimir as causas do infortúnio; o alívio e a anestesia momentâneos, tal como se faz na dor de dente, por exemplo, bastam-lhe mesmo nos sofrimentos mais graves.²⁴ A religião, portanto, é sinônimo de fraqueza, pois não contém uma só verdade sobre a realidade humana. Foi do medo e da necessidade que cada uma delas nasceu. E é principalmente do cerne das religiões, como o judaísmo e o cristianismo, que muitos valores morais se fundamentaram; porque se a moral platônico-socrático deu base durante muito tempo ao fenômeno da coletividade como sendo o objetivo último sagrado da vida; o cristianismo assumiu esse papel com a moral que se realiza através da "vontade de Deus". Esse comportamento será chamado por Nietzsche de *moral de rebanho*, devido à submissão irrefletida aos valores dominantes da civilização, ora aristocrática cavalheiresca, ora cristã e burguesa que se fizeram presentes na grande massa de homens de todos os tempos.

Ora, para que certos princípios, como a justiça e a bondade, possam atuar e enriquecer, é preciso que surjam como algo que obtivemos ativamente a partir da superação dos dados.... Para essa conquista das mais lídimas virtualidades do ser é que Nietzsche ensina a combater a complacência, a mornidão das posições adquiridas, que o comodismo intitula moral, ou outra coisa bem soante.²⁵

²² Nietzsche, Friedrich W *Crepúsculo dos Ídolos*. Trad. Edson Bini e Márcio Pugliesi. Sp: Hemus, 2001b.

²³ Nietzsche, Friedrich W, 2005, loc. cit.

²⁴ Nietzsche, Friedrich W, 2005, loc. cit.

²⁵ Mello e Souza, Antonio Candido (1946). *O Portador* - Posfácio ao volume dedicado a Nietzsche da coleção "Os Pensadores". São Paulo, Nova Cultural, 1987.

As concepções morais e religiosas fornecem ao homem uma condição de fuga do sofrimento pautada em uma falsa tranqüilidade. O que se vê de fato é uma fuga da vida que, na prática, necessita de aperfeiçoamento em todos os seus modos de expressão, já que só assim sairá do atual estágio em que se encontra. Daí o reconhecimento de que a exclusão radical da experiência da dor e do trágico motivaria o próprio aniquilamento humano. O sofrimento existe e faz parte da essência evolutiva do homem, pois é através dele que provém a criatividade; assim como a genialidade porque, muitas vezes, são as privações que fazem do homem o próprio gênio.

A engenhosidade com que o prisioneiro busca meios para a sua libertação, utilizando fria e pacientemente cada ínfima vantagem, pode mostrar de que procedimento a natureza às vezes se serve para produzir o gênio - palavra que, espero, será entendida sem nenhum ressaibo mitológico ou religioso - : ela o prende num cárcere e estimula ao máximo o seu desejo de se libertar.²⁶

Por isso ele afirma que as dores podem ser bastante penosas: mas sem dores não é possível torna-se guia e educador da humanidade.²⁷ Da mesma maneira, o alívio a dor alheia e a compaixão para com o próximo são criticadas. A compaixão é um dos sentimentos provenientes da construção moral que se fez do homem para o homem,²⁸ e que, por sua constituição traz percalços à evolução humana à chegada ao Além-do-homem. Nietzsche cita La Rochefoucauld em *Humano demasiado Humano* para explicar tal questão:

La Rochefoucauld acerta no alvo, quando na passagem mais notável de seu auto-retrato [...], previne contra a compaixão todos os que possuem razão, quando aconselha a deixá-la para as pessoas do povo, que necessitam das paixões (não sendo guiadas pela razão) para chegarem ao ponto de ajudar os que sofrem e de intervir energicamente em caso de infortúnio; enquanto a compaixão, no seu julgamento (e no de Platão), enfraquece a Alma.²⁹

Sentimento provocado pelos fracos e sofredores, a compaixão, dá a estes a ideia de que, ainda são capazes de causa a dor. Além disso, permite a exaltação de uma espécie de prazer a partir do sentimento de superioridade que a demonstração de piedade traz a mente destes. De modo que a sede de compaixão é uma sede de gozo de si mesmo, e isso à custa do próximo [...]. Nietzsche ilustrar sua aversão por tal sentimento a partir da analogia sobre o fato de que, ser objeto da compaixão para os

²⁶Nietzsche, Friedrich W, 2005, loc. cit.

²⁷ Nietzsche, Friedrich W, 2005, loc. cit.

²⁸Em sua análise sobre as concepções morais, Nietzsche concluiu que estas podem ser conduzidas a dois modelos fundamentais – a moral do senhor e a moral do escravo. A moral do senhor valoriza os valores pessoais, a altivez, a coragem individual. Nela é o indivíduo a ser fonte de valores. A moral dos escravos, como já dito em capítulo anterior, é pessimista, cética, submissa; a piedade e a compaixão são valores da ética servil que também prescreve ações boas ou más. Esta moral diz respeito a comportamentos e não a indivíduos.

²⁹Nietzsche, Friedrich W, 2005, loc. cit.

selvagens é não ter nenhuma virtude, oferecer compaixão equivale a desprezar. Mesmo no sofrimento o orgulho deve ser maior, deve-se alcançar admiração e, assim, o selvagem mata o sofrimento, dando a esse a sua última glória. Desta consideração ele acrescenta que, os fracos e malogrados devem perecer: primeiro princípio de nosso amor aos homens. E deve-se ajudá-los nisso. O que é mais nocivo que qualquer vício? A ativa compaixão por todos os malogrados e fracos[...].³⁰ Portanto, a medida que produz sofrimento, a compaixão representa uma fraqueza e por isso faz crescer o sofrimento do mundo.

De acordo com Nietzsche, um sofrimento pode ser diminuído ou suprimido graças à compaixão, mas não se deve utilizar tais conseqüências ocasionais e, no conjunto, insignificantes para justificar sua natureza, que é prejudicial. Por conseguinte, se o homem ceder sempre à compaixão será doente e melancólico. De modo geral, este sentimento foi por muito tempo desprezível. O sofrimento, a crueldade, a dissimulação, a vingança, o repúdio, a verdade, eram virtudes enquanto bem-estar. Paz, compaixão eram ofensas, algo não bom e prenhe de ruína, recorda Nietzsche.³¹ Nesse tempo vivia-se com a dor, com a violência para se manter vivo. Hoje, a dor é muito mais odiada que antigamente, mais do que nunca se fala mal dela, a consideram difícil de ser suportada até mesmo em pensamento, e faz-se dela um caso de consciência e uma objeção a toda existência.³²

Assim, de acordo com o pensamento nietzscheneano, o sofrimento traz ao indivíduo o incômodo; mas este só se estabelece devido a ausência de compreensão sobre os efeitos “benéficos” da dor. Os reveses da vida são ingredientes fundamentais à satisfação, ao aprimoramento e a educação, ou seja, a dor, a ansiedade, a inveja, a humilhação são apenas os meios pelos quais o homem reconhecerá uma vida melhor. Dessa maneira, a filosofia de Friedrich Nietzsche aponta a fuga do sofrimento como uma ação do Último-homem. Porque, de acordo com a postura deste, nada faz além de vegetar sob uma moral de rebanho, aniquiladora da individualidade, contrária a possibilidade da personalidade criativa do gênio humano.

3. A satisfação sobre alicerces de sofrimento

Reconhecer nos dissabores um caminho para o encontro com satisfação foi um processo de desenvolvimento do que se tornaria a própria filosofia de F. Nietzsche.

³⁰Nietzsche, Friedrich W. *O Anticristo*. Tradução, notas e posfácio: Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

³¹Nietzsche, Friedrich W. *Genealogia da moral: uma polêmica*. 9ª reimpressão. Tradução, notas e posfácio: Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

³²Nietzsche, Friedrich W, 2001a, loc. cit.

Segundo Alan de Botton em seu livro *As consolações da filosofia* (2001), foi em junho de 1876, quando acometido por mais uma crise de saúde, que a reflexão nietzscheneana sobre a questão do sofrimento se modificou e intensificou.³³ Em Sorrento, Itália, foi recebido na villa de Malwida von Meysenbug, onde passou alguns meses. Botton explica, que durante este período Nietzsche e outros convidados de Malwida realizaram estudos descompromissados, falavam de Jacob Burckhardt, Montaigne, La Rochefoucauld, Vauvenargues, La Bruyère, Stendhal, Goethe, Heródoto, Tucídides. E foi, apoiado em uma análise da personalidade de alguns desses personagens, que Nietzsche concluiu que eles pareciam ter conquistado uma vida plena, mas sempre repleta de períodos de grande infortúnio. A compreensão nietzscheneana sobre o sofrimento passa a admitir que este é uma condição necessária aquele que desejasse alcançar a satisfação na vida, pois passa a reconhecê-lo como uma etapa natural e inevitável no processo de conquista de um bem. Os grandes homens chegaram a uma vida plena, porque foram comprometidos com a vida e atingiram os seus objetivos sempre diante de dificuldades. Estes representaram muito bem o *Übermensch*, já que trataram suas vidas a partir de uma superação dos valores estabelecidos, na transposição dos limites de suas épocas; retomaram as raízes do homem grego trágico, que encontrava no devir a própria vida. Assumindo a posição de homem verdadeiramente forte, tenso, que é essencialmente frágil, por isso sensível e ético.

O homem novo, longe de querer entender o significado do mundo, conferia ao mundo os seus significados. Como Protágoras, Nietzsche afirma que o homem (o Além-do-homem) *é a medida de todas as coisas*, porque nele há uma vontade de tornar pensável todo o existente, tudo o que é; é da sua vontade que cada coisa adquira o seu sentido. Nosso filósofo busca submeter, dobrar o mundo à *vontade de potência* do homem, para adequar a vida ao pensamento humano.³⁴ E constata que tudo o que existe deve também se adaptar e se curvar. Portanto, homens como Montaigne, o Abade Galiane, Goethe possuíam, segundo Nietzsche, “vida”, no sentido da coragem, da ambição, da dignidade, da força de caráter, do humor da independência; e ao mesmo tempo possuindo uma ausência de hipocrisia, conformismo, ressentimento e presunção. A *vontade de potência* também traz essa noção de vida, como sentido de auto-superação. A vontade, neste ponto, é o princípio pelo qual a vida se projeta para além de si mesma, pelo qual ela se auto-supera.³⁵ E toda forma de satisfação, de verdadeira completude com a vida advém da superação.

³³ F. Nietzsche obteve dispensa de suas atividades junto à Universidade da Basiléia; partiu para a Itália com Paul Rée e Alfred Brenner, um de seus alunos.

³⁴ Machado, Roberto. *Zaratustra: tragédia nietzschiana*. RJ: Jorge Zahar:1997.

³⁵ Machado, Roberto, 1997, loc. cit.

Somos levados a pensar que os Ensaaios brotaram da mente de Montaigne como num passe de mágica, e por isso interpretamos erroneamente nossa inépcia em nossas primeiras tentativas de escrever uma filosofia da vida como um sinal de uma incapacidade inata para a tarefa. Deveríamos em vez disso considerar o esforço colossal por trás de uma grande obra, o número incontável de aditamentos e revisões que os Ensaaios exigiram.³⁶

Segundo Allan de Botton, uma escalada ao Piz Corvatsch³⁷ explica o espírito de seu pensamento em favor das dificuldades e da dor.³⁸ O que Botton pretende, é considerar que todo esforço para se chegar ao cume da montanha é recompensado por um prazer equivalente ao sofrimento e as dificuldades presentes ao longo da escalada. Todavia, a simples existência das dificuldades não é o bastante para tornar uma vida satisfatória, mas sim a maneira pela qual encaramos o sofrimento.

Todo infortúnio é um indício vago de que algo vai mal. Reverter ou não este prognóstico depende do grau de sagacidade e de determinação daquele que sofre. A ansiedade pode desencadear o pânico ou uma análise precisa de uma conjuntura desfavorável. Um sentimento de injustiça pode conduzir ao crime ou a uma obra teórica e bem fundamentada sobre economia. A inveja pode resultar em amargura ou a decisão de se entrar em competição com um rival e na produção de uma obra-prima.³⁹

Se diante dos imprevistos e das dificuldades reconhecemos no homem a falta de forças para reagir, como também, a não digestão dos maus sentimentos, estamos perante ao que Nietzsche chamou de *ressentimento*. Ou seja, a “construção” de sentimentos nocivos, venenosos, produzidos por uma incapacidade de realização de reação – e de ato. Esse homem passa a manifestar então, um desequilíbrio psicológico que o impossibilita de viver de forma espontânea, ativa; e movido por “uma vingança imaginária”. Passa a viver em função de um ‘fora’, um ‘outro’, um ‘não-eu’. Esta inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento.⁴⁰ A compreensão da própria fraqueza e o sentimento de decepção em decorrência da impossibilidade da ação gera um rancor, uma vontade de ferir e magoar àquele que o desprezou. Assim, surge o desejo de vingança que a covardia impossibilita de ser realizado, a não ser de um modo falso e inventivo, uma vez que o homem do ressentimento é afeito a atitudes suspeitas e evasivas.

Aí mais uma vez diferenciamos o Último-homem do Além-do-homem. Porque se o primeiro busca na vida a fuga das dificuldades e do sofrimento, chegando muitas vezes a um estado de ressentimento; o segundo não desvia-se dos dissabores da vida,

³⁶ Botton, Alan. 2001, loc. cit.

³⁷ Montanha situada a poucos quilômetros da casa em que viveu na Suíça.

³⁸ A escalada consome no mínimo cinco horas, durante as quais é necessário agarrar-se atalhos íngremes, contornar penedos, atravessar floresta de pinheiros, ficar sem fôlego no ar rarefeito, vestir muitas camadas de roupa, para enfrentar o vento e avançar sobre as neves eternas. Botton, Alan. 2001

³⁹ Botton, Alan. 2001, loc. cit.

⁴⁰ Nietzsche, Friedrich W, 2006, loc. cit.

pelo contrário, os sente com muito mais intensidade, percebendo nele o caminho para a satisfação. O último homem não reconhecer o valor das dificuldades. Afirma Botton que o homem é propenso a considerar que a ansiedade e a inveja não têm nada de verdadeiro a nos ensinar, e as remove como se fossem ervas daninhas emocionais.⁴¹ Entretanto, Nietzsche considerou que algo que seja superior pode se originar de algo inferior. É assim que, como um jardineiro, podemos dispor de nossa intuição e pendores e realizar o que poucas pessoas sabem, ou seja, cultivar as sementes da cólera, da piedade, da curiosidade e da vaidade, de maneira tão fecunda e rendosa como se cultivava uma bela árvore frutífera em uma treliça.⁴² Assim sendo, a presença de diversas e constantes dificuldades permitirá, se forem bem “aproveitas”, a plenitude das ações humanas, visto que agem como fórmulas de aperfeiçoamento.

É preciso, portanto, escutar a voz do corpo, da natureza e dos instintos que falam através daquilo que sentimos, que percebemos e que nos fazem reconhecer a lei orgânica que se estabelece no mundo. Estaremos assim permitindo esse processo de aperfeiçoamento, permitindo a chegada ao Além-do-homem, que em um salto evolutivo, chegaria a uma profunda mudança da natureza humana; substituindo, principalmente, Deus e a religião pela terra e seus valores. Com a negação do último homem, é também desprezador da felicidade, da dimensão racional, do sentido moral; rejeita a justiça, a compaixão e a piedade.

Conclusão

Ao analisarmos a tese nietzscheneana podemos admitir que, naturalmente, também estava Nietzsche à procura da felicidade; mas simplesmente considerava que esta não poderia ser alcançada de uma forma fácil e indolor. Por isso desconstruía a concepção de felicidade estruturada em um estado de perfeição que se alcança a partir de uma existência “sóbria” e sem feridas. Contrariamente a isso, afirma o estado de satisfação que se realiza na condição de prazer construído através de um esforço próprio e constante. Assim, segundo sua definição de “felicidade” fica claro que cada momento, cada vivência, cada barreira vencida permite a chegada ao estado de contentamento; e, em última instância, reconhece nesse processo a valorização da vida como fase única da existência humana, que se cumpri através dos caminhos tortuosos que cada existência traça. É através das dificuldades também, que floresce no homem a possibilidade de criação. É a criatividade, mãe de toda renovação, de todo aprimoramento, e completa Alan de Botton:

⁴¹ Botton, Alan. 2001, loc. cit.

⁴² Nietzsche, Friedrich W, 2004, loc. cit.

A criação artística oferece um exemplo bastante explícito de uma atividade capaz de promover uma satisfação imensa, mas que sempre exige um imenso sofrimento. Se Stendhal tivesse medido o valor de sua arte de acordo com o 'prazer' e a 'dor' que ela a um só tempo lhe causou, não teria havido nenhum avanço a partir de *L'Homme qui craint d'être gouverné* e ele não teria chegado ao auge de sua energia criativa.⁴³

A criação é a própria condição para a mudança, e toda mudança somente ocorre porque há o incomodo, há o desconforto. O homem que se depara com a vida, que reconhece ser afetado por ela, se reconhece na mudança e a aceita com todos os seus riscos, porque vê nela um elemento natural da vida. Nietzsche afirma que, o segredo de se transformar uma existência em um terreno fértil e propício à colheita e também em grande divertimento é – viver perigosamente!⁴⁴ O Além-do-homem enfrenta a vida de frente vivendo ante o desafio que, por vezes, se apresenta perigoso. Mas principalmente, estando além do sentido moral; rejeitando a justiça, a compaixão e a piedade, atravessa o abismo que o separa do passado envolvido em um total rico pessoal. A filosofia de Nietzsche se propôs a uma revolução no cerne do pensamento moderno, olha ele para o sofrimento de forma harmônica com a existência, e vê que na relação sofrimento-existência, há um sentido próprio. Porém, cabe exclusivamente a cada homem o reconhecimento de que nem todas as coisas que lhe fazem bem são realmente boas e que nem tudo que lhe causa dor e sofrimento é realmente ruim. Mas para que se estabeleça esse tipo de relação com a vida, precisa o homem reconhecer na experiência o meio pelo qual ocorre a mudança de perspectiva. É ela a fonte de todas as possibilidades redentoras para aquele que permanece na inércia. Se é cômodo ao último-homem se manter imóvel, impassível diante da luta que é a vida, serve o sofrimento como instrumento que o retira da preguiça e da covardia para um instante superior, o instante em que assume a sua própria condição de ser finito, elemento participante da natureza e aceitando a vida tal como ela existe: com toda a sua dor e com todo o seu prazer.

Referências Bibliográficas

- BITTENCOURT, Renato N. **A contemplação do terrível como estímulo para o despertar da alegria**. Revista Aproximação, nº 2, 2009;
 BOTTON, Alain de. **As consolações da filosofia**. Trad.: Eneida Santos. Rio de Janeiro: Rocco, 2001;
 DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Trad.: António M. Magalhães. Porto: Rés,
 FERRY, Luc. **Vencer os Medos**. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
 GIACÓIA JR., Oswaldo. **Nietzsche**. São Paulo: Publifolha, 2000;

⁴³ Botton, Alan. 2001, loc. cit.

⁴⁴ Nietzsche, Friedrich W, 2001a, loc. cit.

- _____. Palestra do curso, **Impacto de Nietzsche no Século XX**. Auditório da Unicamp, em 09/05/2009;
- JERPHAGNON, Lucien. **História das Grandes Filosofias**. São Paulo: Martins Fontes, 1992;
- KLOSSOWSKI, Pierre, **Nietzsche e o círculo vicioso**. RJ: Pazulin, 2000;
- LINS, Daniel. SOUZA GADELHA Sylvio de et all. **Nietzsche e Deleuze: Que pode o corpo**. RJ: Relume Dumará. 2002.
- MACHADO, Roberto. **Zaratustra: tragédia nietzschiana**. RJ: Jorge Zahar:1997;
- MARCONDES, Danilo. e JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3d. Rio de Janeiro:Jorge Zahar, 1996;
- MARTON, Scarlett. **Nietzsche e a transvaloração dos valores**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- MELLO E SOUZA, Antonio C. **O Portador - Posfácio ao volume dedicado a Nietzsche da coleção "Os Pensadores"**. São Paulo, Nova Cultural, 1987;
- NICOLA, Ubaldo. **Antologia ilustrada de Filosofia: Das origens à idade moderna**. Trad.: Margherita De Luca. São Paulo: Globo, 2005;
- NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da Tragédia ou helenismo e pessimismo**. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. **Humano Demasiado Humano**. SP: Companhia das Letras, 2000;
- _____. **Aurora**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras: 2004.
- _____. **A Gâia Ciência**. SP: Companhia das Letras, 2001a;
- _____. **Assim falou Zaratustra**. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização brasileira: 1998.
- _____. **Além do Bem e do Mal**. Trad. Márcio Pugliesi. SP: Hemus, 1988;
- _____. **A Genealogia da Moral: uma polêmica**. SP: Companhia das Letras,1999;
- _____. **Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o martelo**. Trad. Edson Bini e Márcio Pugliesi. Sp: Hemus, 2001b;
- _____. **O Anticristo. Tradução, notas e posfácio: Paulo Cezar de Souza**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. **Ecce Homo: De como a gente se torna o que a gente é**. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal. SP: Escala, 2007;
- _____. **A vontade de poder**. Trad. [Francisco José Dias de Moraes e Marcos Sinesio Pereira Fernandes](#). RJ: Contraponto, 2008;
- SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Trad. M. S. Sá Ferreira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.